

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

**UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS MÍDIAS
IMPRESSA, RADIOFÔNICA, TELEVISIVA E NA INTERNET¹
AN ANALYSIS OF WOMEN'S REPRESENTATION IN PRINTED, RADIO,
TELEVISION AND INTERNET MEDIA**

Julia Fontana Nascimento², Vara Lucia Spacil Raddatz³

¹ - Projeto de Iniciação Científica; - Projeto de Pesquisa Mídia e Sociedade: o direito à informação (PPGD/UNIJUI); - Subprojeto Direitos Humanos e a representação da mulher na mídia.

² Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, aluna do curso de jornalismo da Unijuí.

³ Orientadora. Professora do Programa de Pós Graduação em Direito (PPGD) - Cursos de Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos e do Curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Unijuí.

INTRODUÇÃO

Este texto visa compreender como a mulher é representada em quatro canais diferentes, sendo eles o meio impresso, a telenovela, o radiofônico e a internet. Analisando as relações em que a mulher é colocada em situação de violência, busca-se relacionar a questão com os direitos humanos. O período de pesquisa desses meios foi de agosto de 2018 a março de 2019, concluindo oito meses de análise. Para cada mídia foi previamente selecionado um dia da semana específico para que se pudesse restringir a pesquisa. A primeira mídia pesquisada foi o Jornal Zero Hora, produzido em Porto Alegre e com abrangência estadual. Em específico a Editoria de Seguranças das quartas-feiras, de 1 de agosto de 2018 a 27 de março de 2019. A telenovela é a do horário das 21h da Rede Globo, nos episódios de terça-feira. A pesquisa foi de Segundo Sol de 7 de agosto a 6 de novembro de 2018, e O Sétimo Guardião de 13 de novembro de 2018 a 23 de março de 2019. Como mídia radiofônica de análise, foi selecionada a Rádio Repórter de Ijuí, com abrangência local, edições de segunda-feira, sendo acompanhada a Editoria de Segurança Pública. A mídia digital ficou para as quintas-feiras, tendo sido realizado uma varredura pela internet, através de redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter e YouTube, em busca de memes ou peças publicitárias que fizessem referência às mulheres.

Este texto é um resumo do que foi feito ao longo de oito meses no Projeto de Pesquisa Mídia e Sociedade: o direito à informação, com o Subprojeto Direitos Humanos e a representação da mulher na mídia. A escolha de mídias com diferentes áreas de abrangência permite que a temática seja observada em âmbito local, regional e global, possibilitando compreender como as mulheres são representadas de diferentes formas, relacionando a representação com os direitos humanos.

Pretende-se olhar para a representação da mulher no jornalismo e também na mídia de entretenimento no âmbito das situações de violência a partir da perspectiva dos direitos humanos. Afinal entende-se o jornalismo como um meio em que os direitos são cumpridos, assim como Gentilli (2005) afirma: "o direito à informação funcionaria [...] como um direito que abre portas para os demais direitos, o Jornalismo sendo, portanto, um campo mediador de todos os campos numa 'sociedade dos cidadãos', definida por Bobbio" (p.13). Sendo assim, o objetivo deste resumo expandido é entender como as mulheres são representadas dentro deste cenário de violência,

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

tanto na vida real quanto nas representações fictícias da realidade. Para além disto, é importante compreender como todas as representações são refletidas na sociedade e porquê esse tipo de temática tem ganhado cada vez mais visibilidade na mídia. Na sequência deste texto trazemos dados da Secretaria da Segurança Pública do Rio Grande do Sul para comprovar que as representações da mulher na mídia possuem ligação direta com os casos de violência contabilizados no Estado, sendo este um reflexo do país.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa sobre as representações das mulheres, tendo como perspectiva os direitos humanos, vinculada ao projeto foi dividida em quatro etapas para cada mídia. Para todos eles, foi necessário fazer a seleção semanal de todos os conteúdos, logo após, a separação e organização do material em arquivo por ordem sequencial de publicação/edição/episódio. O que diferencia em cada mídia é a classificação do material, sendo para o Jornal Zero Hora, Editoria de Segurança das edições de quarta-feira, de acordo com as seguintes subdivisões: notícias, reportagens e imagens, cujo conteúdo fazia alguma referência a mulheres. A análise do conteúdo foi feita com base nos seguintes aspectos: destacar a manchete ou título do material; descrever a situação ou condição em que a mulher está envolvida; destacar os substantivos, adjetivos e advérbios de caracterização da mulher; citar qual é a ideia central do texto sobre a representação da mulher; e por fim, observar qual é a representação da mulher no texto, estabelecendo uma relação com os direitos humanos.

Para a mídia televisiva, analisada nas terças-feiras, no horário nobre da Rede Globo, 21h, a seleção do conteúdo do material foi feita de acordo com os seguintes aspectos: cenas cujo conteúdo faça alguma referência a mulheres e imagens em que apareçam mulheres. A análise do material selecionado é de acordo com as seguintes categorias: personagem em evidência; descrição da situação ou condição em que a mulher está envolvida; substantivos, adjetivos e advérbios de caracterização da mulher; ideia central da cena de representação da mulher; análise da representação da mulher na cena e sua relação com os direitos humanos.

A Rádio Repórter de Ijuí, acompanhamento da Editoria de Segurança Pública das segundas-feiras, horário entre meio dia e uma hora da tarde, teve como seleção de conteúdo as seguintes categorias: notícias cujo conteúdo faça alguma referência a mulheres e reportagens cujo conteúdo faça referência a mulheres. Após essa etapa, houve a análise, pensando nessas divisões: manchete, título do material; descrição da situação ou condição em que a mulher está envolvida; substantivos, adjetivos e advérbios de caracterização da mulher; ideia central do áudio sobre a representação da mulher; análise da representação da mulher no áudio e sua relação com os direitos humanos.

Por último, a mídia digital, analisada nas quintas-feiras, teve o material selecionado a partir de: propaganda em que a mulher é a protagonista da cena e imagens ou memes, cujo conteúdo faça referência a mulheres. A quarta etapa foi selecionada de acordo com as seguintes categorias: manchete, título do material; descrição da situação ou condição em que a mulher está envolvida; substantivos, adjetivos e advérbios de caracterização da mulher; ideia central da propaganda ou meme sobre a representação da mulher; análise da representação da mulher na propaganda e sua relação com os direitos humanos.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maior incidência de mulheres sendo representadas é na posição de vítima, tanto no jornal e na rádio, quanto na ficção. Esse é um claro reflexo dos dados divulgados pela Secretaria da Segurança Pública do Rio Grande do Sul, os quais deixam em alerta para os elevados números de violência contra a mulher.

Mulheres Vítimas de Ameaça, Lesão Corporal, Estupro(1) e Femicídio Consumado e Tentado (2) no Rio Grande do Sul, jan-dez 2018

ANO	MÊS	AMEAÇA	LESÃO CORPORAL	ESTUPRO	FEMINICÍDIO CONSUMADO	FEMINICÍDIO TENTADO
2018	jan-18	3.625	2.176	194	7	35
2018	fev-18	3.268	1.989	173	3	34
2018	mar-18	3.459	2.073	175	8	30
2018	abr-18	3.314	1.837	167	11	44
2018	mai-18	2.875	1.628	158	10	34
2018	jun-18	2.640	1.441	110	16	17
2018	jul-18	2.868	1.432	121	8	33
2018	ago-18	3.047	1.450	151	10	22
2018	set-18	2.944	1.749	135	12	26
2018	out-18	3.285	1.882	112	8	26
2018	nov-18	3.188	1.936	99	8	32
2018	dez-18	3.110	2.222	117	16	22

Fonte: Observatório Estadual de Segurança Pública / SSP-RS.

A pesquisa é um recorte dos meses de agosto a dezembro de 2018 e de janeiro a março de 2019, no entanto as representações são uma consequência da sucessão de um aumento em crimes contra mulheres. Segundo a tabela acima, em janeiro foram 7 casos de feminicídio consumado no Estado. Já em dezembro esse número sobe para 16 ocorrências. O mesmo acontece com os casos lesão corporal que em janeiro de 2018 foram 2.176 e no final do ano aumentaram para 2.222. Essa não é uma exclusividade do Estado, sendo mulheres do país inteiro entrando para estatísticas tristes de violência contra seus direitos.

Samira Bueno e Renato Sérgio, diretores do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em matéria para o G1, o site de notícias da Emissora Globo, afirmam:

Não há lugar seguro para as mulheres no país. Não há separação entre espaço público e privado para elas - a morte está à espreita dentro das casas, no transporte público, nas ruas e nos espaços de educação e lazer. A violência compõe um cotidiano perverso sustentado por relações sociais profundamente machistas (G1, 08/03/2019).

As palavras de ambos são refletidas nos dados encontrados na pesquisa. Por mais que se tenha percebido a mulher em outras posições como uma participante da cena vivendo algo feliz, ou uma delegada que é entrevistada e está à frente de algum caso, na maioria das vezes a mulher é vítima. Ela é vítima do marido que acha possuir alguma superioridade em relação à esposa; ela é a vítima de um assalto dentro do seu local de trabalho; ela é vítima da sociedade que muitas vezes ignora a presença dessa violência de gênero. A tabela Mulheres Representadas na Mídia corresponde ao

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

número de ocorrências em que as mulheres são representadas na Editoria de Segurança do Jornal Zero Hora, nas telenovelas Segundo Sol e O Sétimo Guardião da Rede Globo, na Editoria de Segurança Pública da Rádio Repórter de Ijuí e na Internet:

Mulheres representadas na mídia	Jornal Zero Hora	Telenovela Globo	Rádio Repórter	Internet
Ocorrências	20	13	8	5
Representação	Vítima, acusada, delegada, fonte especializada, policial, fonte não especializada.	Vítima, acusada.	Vítima, acusada.	Mulher livre e empoderada.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

Relação com os Direitos Humanos

A maioria das matérias revela a mulher em posição de vulnerabilidade, sofrendo violência dentro e fora de casa. Por outro lado, quando não está nesta situação ela representa a lei e a justiça que neste contexto é uma forma de poder. Do ponto de vista dos Direitos Humanos há uma supremacia do homem agressor em relação à mulher agredida, cuja consequência é a morte.

Em 11 representações a mulher está em posição de vítima em relação a um homem. Em duas cenas, as mulheres brigam e discutem entre si. As representações da mulher como vítimas são claras e refletem os dados da Secretaria da Segurança Pública do Rio Grande do Sul sobre o aumento no índice de feminicídio cometido no final de 2018. A ficção como representação de realidade é reflexo do dia a dia vivido por milhares de mulheres que sofrem todo tipo de violência, não só física, até mesmo dentro de casa, como é o caso da personagem Nice de Segundo Sol.

Em oito programas a mulher é representada como vítima. Em um dia há uma acusada de matar outra mulher. A situação que se revela a partir da análise é que o problema da sobreposição da força masculina à feminina está presente não só em grandes cidades da região metropolitana, mas também em pequenos municípios. Não há mais cidades do interior totalmente seguras onde os Direitos Humanos sejam respeitados, principalmente em relação à mulher.

As cinco representações encontradas são diferentes entre si, mas a maioria fala sobre a mulher ser livre para ser o que quiser, sem precisar obedecer a alguma regra de “boas maneiras” da sociedade, ou a algum homem.

Fonte: Elaboração própria.

As incidências de representações da mulher como vítima são muito maiores do que as demais representações. Collin (2014) diz que o modo como as representações da mulher foram construídas ao longo do tempo na sociedade “estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos” (p. 24). Isso foi repetido tantas vezes que se inseriu no imaginário da sociedade e produziu relações de domínio e apropriação do masculino sobre o feminino. A consequência foi a atenuação do conceito de mulher a relações de poder e hierarquia, o que se compreende hoje como a possível origem de tantos casos de violência contra a mulher. A comprovação de que essa relação produziu um inconsciente de que os homens podem se sobrepor às mulheres utilizando, na maioria dos casos, a força são as notícias e representações fictícias diárias sobre casos de violência e de feminicídio no Estado e no Brasil.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados da pesquisa realizada, acredita-se que a representação das mulheres como vítimas embasa-se no aumento real de ocorrências de feminicídio no estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, o jornalismo, bem como a mídia de entretenimento, contribui para uma possível consciência de que muitas mulheres sofrem violências diárias, seja na rua, no trabalho e até mesmo dentro de casa. A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, em seu Artigo III diz que: “todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”. Nesse contexto, as mulheres que vimos serem representadas tiveram um dos seus direitos fundamentais rompido. É devido a isso que, quanto mais visibilidade o tema tiver na mídia, maior será a consciência de que mulheres estão morrendo simplesmente por serem mulheres e maior a possibilidade de uma consciência coletiva de que algo precisa ser feito para mudar essa realidade.

Palavras-chave: jornal; telenovela; rádio; internet; direitos humanos. Keywords: newspaper; soap opera; radio; internet; human rights.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

REFERÊNCIAS

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio de. **Dados de violência contra mulher são a evidência da desigualdade de gênero no Brasil**. G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/03/08/dados-de-violencia-contra-a-mulher-sao-a-evidencia-da-desigualdade-de-genero-no-brasil.ghtml>>. Acesso em 6 jun. 2019.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Organizações das Nações Unidas, 2009. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em 6 jun. 2019.